

O EXÍLIO POLÍTICO DOS BRASILEIROS NO URUGUAI: UM ESTUDO DE CASO DO GRUPO BRIZOLA EM SUA FASE INSURRECIONAL

DARLISE GONÇALVES DE GONÇALVES¹;
ALESSANDRA GASPAROTTO²

¹UFPEl – e-mail darlisehistoriadora@yahoo.com

²UFPEl– e-mail sanagasparotto@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A presente comunicação pretende discorrer sobre o exílio brasileiro decorrente do Golpe de 1964 como um fenômeno plural e, principalmente, como um espaço de ação que subverteu sua lógica primeira – ser uma ferramenta de controle e silenciamento de vozes dissonantes. Para tanto analisaremos os investimentos e as conexões estabelecidas pelo grupo Brizola em sua fase insurrecional (1964-1967), focalizando as relações estabelecidas por alguns de seus membros com indivíduos situados na fronteira sul do estado. Nossa análise se dará a partir da memorialística dos envolvidos, assim como fazendo uso de documentos produzidos pelo Estado e literatura pertinente ao tema.

2. METODOLOGIA

Esse estudo abarca 1964, ano em que ocorre o Golpe e a consequente migração para o exílio, até o ano de 1967, período de desarticulações dos esquemas de fronteira mantidos pelo líder petebista Leonel Brizola. Diante desse cenário e partindo desse recorte espaço/ temporal, buscaremos compreender o exílio no Uruguai não como a interrupção de um projeto político ou a pausa de uma luta, mas sim como a reconfiguração desta que, ao mesmo tempo, se configura em uma das muitas formas de resistência e oposição à ditadura. Que partindo do território de acolhida e através desses muitos elos dessa corrente de solidariedade se estendem até o país de origem.

Adotando então a perspectiva de que esses exilados não eram apenas vítimas passivas do sistema, que aguardavam pacientemente as ordens vindas dos companheiros no Brasil¹, mas sim como agente protagonista dessa luta que era desenvolvida em um trabalho conjunto com aqueles que aqui se encontravam. Ampliando assim a noção de fronteiras geográficas contida em uma leitura clássica do termo exílio, apresentando-o enquanto um espaço de articulações transnacionais.

Ao mesmo tempo que, coletivamente, aqueles que encaram papéis ativos a partir do exílio são empurrados para formas de resistência outras, uma vez que os exilados passam a se utilizar da arena global para lançar mão de outras ferramentas de oposição e de novos discursos que foram acionados enquanto

¹ Para Rollemberg era usual à geração de 1964 a ideia de um retorno imediato, logo para esses o exílio seria um curto período de tempo com a finalidade de preservação de sua integridade física. Essa geração resistia a ideia de partir, vislumbrava formas de atuar na legalidade defendendo um projeto de nação que era anterior a abril de 1964. Nesse período desenvolveu-se o “mito da *terra*, ou seja, uma determinação difundida entre os militantes segundo a qual, no exterior e, portanto, *fora da prática*, não se devia opinar muito menos decidir sobre os rumos da luta. Ao contrário, cabia-lhes esperar as orientações vindas da *terra*, de quem estava na *prática*, [...] o exílio era desvalorizado como tempo e lugar de luta” (Rollemberg, 1999, p.140).

bandeira política (Jensen, Lastra, 2016, s.p). Nessa perspectiva, segundo salienta Luis Roniger (2010), entre em cena a transnacionalidade que fez com que o exílio político latino americano do século XX manteve um espaço manobras no cenário geo-político mais amplo que os limites estabelecidos pelo traçado fronteiriço dos Estados Nacionais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Muitos foram os intentos de rearticulação dessa comunidade após o Golpe. Ainda nos primeiros meses de exílio se formou o Movimento Nacional Revolucionário (MNR), composto principalmente por oficiais subalternos nacionalistas reunidos ao redor de Brizola. Dado a expressiva comunidade de brasileiros que se formou em Montevideo, pois o Uruguai é o primeiro destino do exílio brasileiro. Devemos pontuar a diferença gritante entre os dois principais grupos atuantes no exílio, o MNR e o grupo de Goulart. Pois, ao contrário dos seguidores do ex-presidente, o grupo político liderado por Brizola ansiava por tomar medidas enérgicas para reverter à situação brasileira. Assim, logo surgiram os primeiros planos de resistência, para os quais era necessário manter contato com os velhos companheiros no Brasil, bem como arremeter novos camaradas para a luta.

De acordo com a pesquisadora Maria Claudia Moraes Leite “Brizola preferia para o Movimento a sigla MORENA – Movimento Revolucionário Nacionalista” (2015, p.77) e nesse sentido o grupo político seria uma fusão entre os grupos militares e o de Brizola. A pesquisadora ainda destaca que desde a chegada destes no exílio estavam voltados para o “planejamento de ações contra a ditadura militar, na forma de guerrilha ou insurreição” (Leite, 2015, p.76), entretanto o MRN na prática “foi muito mais um projeto político que uma organização efetivamente estruturada” (p.77). Sua vida foi curta, porém significativa dentro do cenário das resistências a ditadura no período.

Para dar forma a seus planos de insurreição (Operação Pintassilgo, Guerrilha de Três Passos² e Caparaó) passaram a transitar pelas fronteiras do país, principalmente via Rio Grande do Sul, os chamados pombos-correios do Brizola, indivíduos responsáveis por fazer a conexão entre Brizola e seu grupo com os simpatizantes e membros do MNR no Brasil. De acordo com Leite, “esses emissários tinham um papel fundamental na estruturação do movimento que se pretendia armar no Brasil e a circulação pela fronteira entre os dois países era de conhecimento tanto dos órgãos de inteligência brasileiros quanto do Ministério das Relações Exteriores da República Oriental do Uruguai” (2015, p.77-78). E é justamente sobre suas movimentações que pretendemos discorrer nesse estudo.

4. CONCLUSÕES

É importante pensarmos outras experiências de resistência para além daquelas vivenciadas em grandes centros urbanos por indivíduos que pegaram em armas contra a ditadura. Sendo assim, se tratando das resistências experienciadas

² Os biógrafos e militantes vinculados diretamente a Brizola são categóricos em afirmar que o ex-governador não possuiu envolvimento direto com a Guerrilha de Três Passos, entretanto como seus principais articuladores pertenciam ao grupo militar vinculado ao MNR consideramos aqui o referido movimento insurrecional como pertencente a essa fase de resistência armada do Grupo Brizola.

ao Sul do Brasil o estado do Rio Grande do Sul, devido às suas características socioespaciais, brindou a esse contexto uma particularidade: ser um espaço de deslocamentos de uma resistência transnacional. Assim, por nossas fronteiras (Uruguai e Argentina) passaram rumo ao exílio ou a rearticulação de suas lutas inúmeros militantes e perseguidos políticos. Logo podemos perceber nesses espaços a existência de uma típica atividade de resistência, as Travessias, capazes de conectarem esses múltiplos elos de resistência para além das fronteiras políticas do País

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LEITE, M. C. M. **A trajetória política de Leonel de Moura Brizola no exílio uruguaio (1964-1977)**. 2015. Dissertação (Mestrado em História)- Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

JENSEN, S. I. LASTRA, M. S. Formas de exilio y prácticas represivas en la Argentina reciente (1974-1985). In: ÁGUILA, G.; GARAÑO, S.; SACATIZZA, P.; (org). **Represión estatal y violencia paraestatal en la historia reciente argentina**: Nuevos abordajes a 40 años del golpe de Estado. La Plata: Universidad Nacional de La Plata, 2016.

ROLLEMBERG, D. **Exílio**. Entre Raízes e Radares. São Paulo: Record, 1999.

RONIGER, L. Exílio Massivo, inclusão e exclusão política no século XX. **Dados revista de ciências sociais**. Rio de Janeiro, V.53, n.1, p.91-123,2010.